

Um gênero “alegre” e “irritante”: teatro de revista e imprensa periódica em Teresina nas primeiras décadas do século XX

RONYERE FERREIRA¹

INTRODUÇÃO

O teatro de revista, na primeira metade do século XX, foi um dos gêneros teatrais mais representados e populares em Teresina (PI), bem como em muitas cidades brasileiras. Essa constatação, entretanto, não deve sugerir unanimidade no que se refere à recepção desse gênero na imprensa, pois comportou diferentes formas de compreendê-lo e analisá-lo. Os discursos veiculados pela imprensa teresinense em torno desse gênero teatral, ao passo que valorizavam parcialmente a produção revisteira e seus dramaturgos, em determinados momentos lhe caracterizavam como um gênero pornográfico, apimentado, irritante, o que servia de mote para exigências de providências policiais e fugas para tipos teatrais de estética menos referenciais.

O presente trabalho, analisa os debates em torno do teatro de revista na imprensa teresinense das primeiras décadas do século XX, período de intensificação da produção teatral na cidade, caracterizado pela atuação de clubes amadores duráveis, frequentes visitas de

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Integrante dos grupos de pesquisa “História, teatro, música e estética” e “História social da cultura: literatura, imprensa e sociedade”, ambos cadastrados no Diretório de Grupos do CNPq. Organizou a coletânea “*História e arte: teatro, cinema, literatura*” (EDUFPI, 2016).

companhias profissionais, e intensa produção dramaturgica, sobretudo de Jônatas Batista,² literato que se destacou pelo empenho na tentativa de consolidar uma cena teatral teresinense.

Como fontes primárias, utilizamos o texto da revista de costumes locais *O bicho*,³ escrita por Jônatas Batista e encenada por amadores em 1917, bem como jornais circulantes na cidade durante o período, material composto mais precisamente por críticas e crônicas teatrais, anúncios de espetáculos, notas sociais, comunicados e crônicas policiais. Na análise desse *corpus* documental, atenta-se aos vínculos políticos, sociais e culturais dos periódicos e de seus escritores, com o intuito de descortinar anseios, receios e ligações sociais entre os produtores da cultura local.

O BICHO E AS CONVENÇÕES DO TEATRO DE REVISTA

Uma análise do teatro de revista, bem como dos debates sobre esse gênero na imprensa de determinado período, exige, conforme já destacou Vera Collaço,⁴ o conhecimento de suas convenções teatrais, o que possibilita compreender os mecanismos utilizados em sua produção, seus elementos constitutivos e as múltiplas referências que surgem nos debates envolvendo sua representação.

A revista, gênero pouco conhecido nos dias atuais, surgiu na França em meados do século XIX, caracterizado pela mistura de teatro, música e dança, formado por quadros independentes que não seguem uma lógica temporal ou narrativa e que são interligados somente por uma temática comum. Segundo Fernando Antônio Mencarelli, seu formato inicial foi a revista de ano, onde o dramaturgo expunha em quadros fragmentados os principais episódios do ano anterior, fórmula que alcançou sucesso nas sociedades ocidentais

² Jônatas Batista nasceu em 1885 no povoado Natal (PI), e faleceu em 1935 em São Paulo. Foi escrivão da antiga Mesa de Rendas de Teresina, subdelegado de polícia, jornalista, dramaturgo, cronista e poeta, foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras (1917). Publicou dois livros de poemas, *Sincelos* (1906) e *Alma sem rumo* (1934), e escreveu dezenas de peças teatrais, entre elas o drama histórico *Jovita ou a heroína de 1865*, a comédia *Astúcia de mulher*, as revistas de costumes *Teresina de Improviso*, *Teresina por dentro*, *O Bicho*, *Frutos e Frutas*, *Cidade Feliz* e *Coronel Pagante*, e as operetas *Mariazinha* e *Alegria de Viver*. Redigiu e colaborou em jornais do Piauí e de outros estados. Cf. FERREIRA, Ronyere. Jônatas Batista: 'a volubilidade e a inquietude'. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 97, n. 72, 2015, p. 143-151.

³ Publicado inicialmente na imprensa, o texto pode ser consultado em: BATISTA, Jônatas. O bicho. In: _____. *Poesia e prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 147-163; BATISTA, Jônatas. O bicho. In: _____. *Poesia e prosa*. 2. ed., Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. p. 183-200.

⁴ COLLAÇO, Vera Regina Martins. Uma leitura da textualidade e da teatralidade na escrita revisteira. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues (org.). *Grupos de teatro, dramaturgos e espaço cênico: cenas fora da ordem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 61-76.

nas décadas finais do século XIX, quando se tornou uma das formas teatrais mais populares dos centros urbanos, inclusive nas grandes cidades brasileiras.⁵

No início do século XX o teatro de revista se diversificou, adquiriu diferentes formatos e ampliou os espaços destinados às danças e às partes musicais, contudo, manteve elementos que o caracterizam como um gênero comum, associáveis a uma revista em diferentes períodos e espaços, como a sucessão de quadros independentes, atualidade de sua temática central, íntima ligação com o tempo e o espaço de produção, espetacularidade, tom satírico, intertextualidade, ambiguidades em títulos, falas e gestos e um ritmo narrativo veloz.⁶

Dentre essas características, uma das que mais marcam a produção revisteira em Teresina é a atualidade temática, a íntima ligação que estabelece com os acontecimentos de seu período histórico de produção. Na revista *O bicho*, a única cujo texto até o momento foi encontrado, a temática que interliga seus quadros é o jogo do bicho e as múltiplas visões que a prática suscitava na sociedade. Banqueiros, cambistas, policiais, padres, trabalhadores populares, entre outros, informam sobre suas formas singulares de compreender a jogatina. Embora perpassados por essa temática comum, os quadros não possuem uma lógica temporal ou causal, mostrando-se partes fragmentadas que se comportam internamente de forma independente na narrativa.

Essa atualidade temática estabelecia uma intimidade com o público, possibilitando, a partir da encenação, múltiplas leituras sobre as questões encenadas aos diferentes grupos que formavam as plateias, leituras essas que, conforme destacou Roger Chartier, podem ser alheias ao sentido atribuído ao texto pelo dramaturgo, e dependem sobretudo das expectativas, dos símbolos, dos códigos e das experiências históricas que os integrantes dos díspares tipos de público partilham.⁷

Outro elemento da teatralidade revisteira, e que pode ser identificado em *O bicho*, assim como na maioria das revistas produzidas por dramaturgos piauienses, refere-se aos personagens, que não são denominados por nomes próprios, mas pelos tipos sociais que

⁵ MENCARELLI, Fernando Antônio. *Cena aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur de Azevedo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. p. 162-163.

⁶ Sobre os elementos características do teatro de revista, consultar: MENCARELLI, 1999; COLLAÇO, 2012. p. 61-76; COLLAÇO, Vera Regina Martins. O teatro de revista em Florianópolis: à guisa de introdução. In: _____ (org.). *Se a moda pega: o teatro de revista em Florianópolis – 1920/1930*. Florianópolis: UDESC/Ceart, 2007. p. 9-22.

⁷ CHARTIER, Roger. *Do palco a página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 53.

representam, no caso da revista citada, os que aparecem são Banqueiros, Cambistas, Cozinheira, Carroceiro, O Polícia, Coitadinha, entre outros. Por meio de uma análise mais detida de seu texto, evidencia-se a construção de representações em torno desses tipos sociais, prevalecendo imagens negativas em torno de Banqueiros e Cambistas, caracterizados como astutos, detentores dos lucros em detrimento da maioria dos apostadores. Essa representação dos Banqueiros encontra-se em sintonia com os discursos veiculados pela imprensa desde meados da primeira década do século, onde esses sujeitos eram apresentados como aventureiros que viviam da extorsão diária da população pobre,⁸ contraventores e corruptores, “malandros” cuja riqueza seria fruto de rapinagens, mentiras e falcaturas.⁹

Dessa forma, a revista possui um tom implicitamente moralizante, em sintonia com os discursos civilizatórios dos literatos que escreviam na imprensa, prevalecendo em seu enredo insinuações ao caráter vicioso do jogo, capaz de levar seus apostadores a cometerem crimes e a se entregarem à outros vícios. Entretanto, ainda que esse aspecto possa ser identificado, seguindo ainda a concepção de teatro como instrumento de intervenção social e civilizatório, comungada por Jônatas Batista e outros escritores locais, ressalta-se que esse não é um elemento característico ou uma finalidade de uma revista. A intenção desse gênero teatral é antes conquistar a empatia do público por meio do humor, a comicidade é colocada em primeiro plano, até mesmo em detrimento de uma lógica moralizante eventualmente defendida por seus produtores. Sobre esse aspecto, Collaço destacou que

O teatro de revista é representação, ele não cópia, ele exagera, mostra o referencial por meio de alegorias, repetições, caricaturas, alusões, mas não se propõe a ser uma cópia explícita do real, ele exacerba traços que deseja mostrar e provocar o riso na plateia.¹⁰

Nesse sentido, é exemplar a apoteose com que se encerra a revista *O bicho*, pois, embora tenham sido apresentados quadros que, ainda que não insinuem abertamente, mostravam os perigos do jogo do bicho, a apresentação termina com a liberação da prática,

⁸ GIL, C. Viajando. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 208, 22 set. 1912, p. 2-3.

⁹ O JOGO do bicho. *O Nordeste*. Teresina, ano 1, n. 27, 29 maio 1920, p. 4-5; O JOGO do bicho. *O Nordeste*. Teresina, ano 1, n. 28, 5 jun. 1920, p. 4; AINDA uma vez o “Jogo do bicho”. *O Nordeste*. Teresina, ano 1, n. 36, 31 jul. 1920, p. 5-6.

¹⁰ COLLAÇO, 2012, p. 73.

com bichos, banqueiros e cambistas celebrando sua abolição, a libertação do que pesava de acusações e perseguição sobre a jogatina, conforme cantam:

Alegrai-vos, ó banqueiros,
Neste dia de esplendor...
Somos livres e altaneiros,
Como o mais livre senhor.

Glória! ... Glória! ...¹¹

O final do espetáculo, assim como os demais quadros que compõem seu enredo, objetivam alcançar a empatia do público, e para isso apresentam referenciais múltiplos, que sinalizam aos diferentes grupos sociais presentes no teatro e suas diversas formas de lidar com o jogo do bicho, contagiando-os com a comicidade. Tratava-se, via de regra, de um desprendimento de uma lógica estética realista ou militante.

Conforme sugerido, é possível inferir a existência de tendência moralizante no enredo da revista *O bicho*, conforme alguns de seus quadros indicam e as semelhanças com os discursos veiculados pela imprensa. Contudo, se a hipótese é aceita, também é admissível alegar que com a apoteose benéfica ao jogo, assim como em outras experiências na história do teatro de revista, o autor abriu mão de suas convicções em favor da comicidade,¹² e o teria feito por estar compondo em um gênero de convenções conhecidas pelos sujeitos integrantes do cotidiano teatral, conhecimento esse que garantia, em parte, um seguro distanciamento entre dramaturgo e enredo, o que se refletiu na recepção favorável que a revista alcançou.

O TEATRO DE REVISTA NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS

Os meses anteriores à estreia de *O bicho*, que ocorreu em 7 de julho de 1917, foram marcados por frequentes menções à peça na imprensa. Em 5 de maio o *Correio de Teresina*

¹¹ BATISTA, 2015, p. 200.

¹² Caso exemplar é o de Artur de Azevedo, perante a repercussão de sua revista de ano *O bilontra*, encenada em 1896 no Rio de Janeiro, que tematizava, entre outros assuntos, o golpe que um comerciante português sofreu ao tentar comprar um título de nobreza. Na revista, o acusado de praticar o crime é absolvido e passa por uma falsa regeneração, casando-se por interesse e enriquecendo com a produção de vinhos artificiais. A peça, de grande sucesso, foi citada no tribunal do Júri, impulsionando a estratégia da defesa de criminalizar a vítima por sua ingenuidade. Após o réu ser absolvido na realidade e Artur de Azevedo ser acusado de ter influenciado no caso, o dramaturgo posicionou-se por meio da imprensa, destacando que o conteúdo da revista não condizia com sua opinião pessoal, e atribuindo a absolvição à falta de qualificação dos jurados e da instituição do júri popular. Cf.: MENCARELLI, 1999, p. 211- 304.

informava o título da revista, intuindo ser uma “troça inocente, combatendo o jogo do bicho entre nós”.¹³ Já em 9 de junho elogiava Jônatas Batista e Pedro Silva,¹⁴ “dois incansáveis trabalhadores pelo levantamento moral, intelectual e artístico do teatro”,¹⁵ e nos dias seguintes assegurou o adiantamento dos ensaios, a data da *premier* e sua atualidade da temática.¹⁶

Essas atitudes eram comuns na imprensa em relação as obras escritas por piauienses, como ocorreu com as demais revistas produzidas por literatos locais, entre elas *Teresina de improviso* (1908), *Cidade Feliz* (1912), *Sem eira, nem beira* (1914), *Teresina por dentro* (1914), *Frutos e frutas* (1917) e *Vida Cara* (1923). Nessas peças, os meses anteriores às estreias igualmente foram marcados por informes constantes, comentando-se sobre o processo de escrita, o ritmo dos ensaios, a qualidade das peças e sua inocência, ou seja, a inexistência de críticas inadequadas aos costumes ou indivíduos locais, conforme se pode ler em notícia sobre a aplaudida revista *Sem eira, nem beira*, em 14 de fevereiro de 1914:

A nova peça, em dois atos, que foi escrita por diversos intelectuais de nosso meio e musicada pelo competente professor Alcântara Filho, é, na verdade, interessantíssima, criticando-se nela, sem malícia e sem frases grosseiras, fatos e tipos do nosso meio, tendo mais ainda a prender os espectadores que tiverem o bom gosto de ir ao ‘4 de Setembro’ [...] ¹⁷

O convite, disfarçado de notícia, afiança a qualidade da peça, a inexistência de críticas individualizadas e estimula os leitores a irem ao teatro, seguindo o modelo adotado pelos periódicos. Porém, a continuidade desse apoio era condicionada à efetivação do que os redatores prometiam em seus jornais, pois, quando o espetáculo não condizia com a qualidade ou com a “inocência” garantida, não se recusavam à criticar posteriormente os espetáculos, como ocorreu em 1914 com a revista *Teresina por dentro*, divulgada como um espetáculo

¹³ O BICHO. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 218, 5 maio 1917, p. 3.

¹⁴ Pedro José da Silva nasceu em Teresina em 1892 e faleceu em 1974, no Rio de Janeiro. Foi maestro, musicista, comerciante, produtor cultural e pesquisador do folclore piauiense. Entre as revistas que musicou, estão *O bicho* (1917) e *Frutos e frutas* (1917). Cf. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 387.

¹⁵ PELO teatro. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 223, 9 jun. 1917, p. 3.

¹⁶ PELO teatro. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 225, 23 jun. 1917, p. 2; PELO teatro. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 226, 30 jun. 1917, p. 2; PELO teatro. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 227, 7 jul. 1917, p. 1.

¹⁷ SEM eira, nem beira. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 36, 14 fev. 1914, p. 2.

bem ensaiado, com figurinos e cenários bem preparados,¹⁸ mas que após a estreia, em 31 de março, foi classificada como “um desastre para a novel e vontadosa associação”.¹⁹

Embora as análises após as encenações discorressem sobre os desempenhos dos atores, o texto, os cenários e os figurinos, cabe enfatizar que a recepção dos espetáculos pela crítica não era norteada unicamente por critérios estéticos, mas igualmente por interesses e relações sociais. Da mesma forma, a expectativa que a imprensa nutria e seu empenho em formar público em torno das produções locais não derivavam de adesões estéticas ou do intuito desinteressado em incentivar os amadores, mas também das relações sociais estabelecidas com os produtores teatrais, tendo em vista que eram, em sua maioria, integrantes de uma elite cultural, as vezes amigos e parentes, com os quais cruzavam diariamente pelas ruas da cidade.

Nesse contexto, a encenação era o momento tênue das relações, onde determinados vínculos sociais poderiam pesar mais que outros na escrita da crítica. Contudo, esperava-se a confirmação da expectativa construída, a inexistências de pilhérias individualizadas e um uso considerado adequado do palco, o que proporcionaria dias de comentários elogiosos, como se pode perceber em relação à revista *O bicho*, que, encenada quatro vezes, consagrou-se como uma das mais bem sucedidas iniciativas teatrais das primeiras décadas do século XX.²⁰ As primeiras apresentações ocorreram nos dias 7 e 10 de julho de 1917, com grande público e bom desempenho de todos os atores, segundo destacou o *Correio de Teresina*.²¹ O jornal *O Piauí*, em sua análise, destacou a evolução de uma apresentação à outra e a qualidade do espetáculo, que lhe qualificava inclusive à incursões fora do Piauí:

Foi pela segunda vez representada, anteontem (10 do corrente), no ‘4 de Setembro’ a revista ‘O bicho’ com enchente igual à da primeira. O desempenho esteve mais correto e, por isso mesmo, conquistou maiores aplausos do público. [...]

¹⁸ Sobre os comentários elogiosos à revista antes da estreia, consultar: AMIGOS do palco. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 68, 25 mar. 1914, p. 3; REVISTA de costumes. *Piauí*. Teresina, ano [...], n. 1273, 28 mar. 1914, p. 3; ESTAMOS informados [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 72, 29 mar. 1914, p. 4.

¹⁹ PALCOS e telas. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 75, 2 abr. 1914, p. 3.

²⁰ Esse sucesso se deu em um cenário cultural que, devido a pequena densidade populacional da cidade e o reduzido público de teatro, uma ou duas apresentações formavam a média, mesmo de espetáculos bem recebidos pela imprensa e pelo público.

²¹ O BICHO. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 228, 14 jul. 1917, p. 1.

Parece que a peça aguenta, com o mesmo entusiasmo, uma terceira récita em Teresina, podendo ser levada fora do Estado com sucesso, à parte da modéstia dos nossos amadores.²²

A terceira apresentação ocorreu dias depois, em benefício das crianças pobres das escolas públicas primárias, com boa casa e desempenho dos amadores, segundo comentários na imprensa.²³ O sucesso de *O bicho* reflete-se ainda por meio de uma quarta apresentação da peça “cujos versos e trechos musicais caíram no agrado do público e se popularizaram”, ocorrida em 24 de maio de 1919, montagem “com números novos, desconhecidos e originais”.²⁴

Outra revista de sucesso no período foi *Cidade feliz*, escrita por Jônatas Batista e outros intelectuais locais,²⁵ cujos primeiros comentários surgiram em outubro de 1911.²⁶ Como de costume, os meses seguintes foram de frequentes notícias sobre o andamento da escrita, os ensaios e a procura por bilhetes, “prometendo ser um verdadeiro acontecimento teatral”.²⁷ Expectativa que, conforme os comentários na imprensa, teria se confirmado, estreando em 18 de maio de 1912, sete meses após as primeiras menções, e com mais duas representações.²⁸ Em crônica sobre sua *premier*, o *Diário do Piauí* destacou:

²² PELO teatro. *O Piauí*. Teresina, ano 27, n. 100, 12 jul. 1917, p. 1.

²³ PELO teatro. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 229, 21 jul. 1917, p. 3; “O BICHO”. *Alto Longá*. Alto Longá, ano 1, n. 3, ago. 1917, p. 4.

²⁴ PELO teatro. *O Piauí*. Teresina, ano 30, n. 280, 8 maio 1919, p. 3.

²⁵ Nos periódicos, em determinados momentos se atribui a autoria de *Cidade feliz* aos senhores Durval Júnior e Diniz, em outros é atribuída à Jônatas Batista. Conforme fizemos em trabalho anterior, a pesquisa hemerográfica permite afirmar que Durval Júnior é um pseudônimo utilizado por Jônatas Batista em diferentes momentos ao longo das duas primeiras décadas do século XX, publicando com essa assinatura crônicas em diversos periódicos locais, entre eles o *Diário do Piauí*, a *Cidade Verde* e a *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Cf. SEM COMENTÁRIOS ao Durval Júnior. *O Comércio*, Teresina, ano 2, n. 77, 8 dez. 1907, p. 1; EM BREVE será levada a cena [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 1, n. 163, 12 out. 1911, p. 1. POR TODA esta semana [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 85, 23 abr. 1912, p. 1; DURVAL JR [Jônatas Batista]. Violão. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 288, 31 dez. 1912, p. 1; BIZARRO, João. Um drama piauiense. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 3, n. 46, 24 fev. 1913, p. 2; LITERICULTURA. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 35, 15 fev. 1912, p. 1; DURVAL JUNIOR [Jônatas Batista]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 43, 24 fev. 1912, p. 3; DURVAL JUNIOR [Jônatas Batista]. Da Tebaida: cartas e bilhetes íntimos. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 63, 22 mar. 1912, p. 1; FERREIRA, Ronyere; QUEIROZ, Teresinha. Escritos ressentidos em Teresina no início do século XX. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; TAMANINI, Paulo Augusto (org.). *História, culturas e subjetividades: abordagens e perspectivas*. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 291-292.

²⁶ EM BREVE será levada a cena [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 1, n. 163, 12 out. 1911, p. 1.

²⁷ A REVISTA de costumes [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 99, 16 maio 1912, p.1.

²⁸ A REVISTA de costumes [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 99, 16 maio 1912, p.1; “PELO teatro”. *Piauí*. Teresina, ano 22, n. 1179, 19 maio 1912, p. 4; CIDADE Feliz. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 107, 25 maio 1912, p. 1; TERÁ lugar, hoje [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 115, 4 jun. 1912, p. 1.

[...] A revista é deveras interessante, conseguindo os seus autores afastar de alusões grosseiras e ofensivas as personagens que nela figuram. Críticas ligeiras, leves, do nosso meio e dos nossos costumes, sem individualizar, sem ferir pessoa alguma [...] escrita com muito bom gosto, muita verve. Junta-se a tudo isso, 32 lindos números de músicas alegres e bem ensaiadas, um cenário novo e bem arranjado, etc., e ter-se-á a certeza do quanto houve de esforço e boa vontade no sentido de que a ‘Cidade Feliz’ constituísse um bonito sucesso teatral, como, de fato, sucedeu. O ‘4 de Setembro’ teve uma casa quase completa naquela noite e a plateia não recusou justos e estrepitosos aplausos aos artistas, que se saíram, todos, com muita felicidade.²⁹

O fragmento destacado evidencia alguns elementos característicos da recepção do teatro de revista na imprensa teresinense, e demonstra os pesos dos fatores equalizados pela crítica na construção de suas narrativas. Elogia-se a escrita dos autores, o desempenho dos atores, os cenários e as músicas, entretanto, em menções genéricas e rápidas, com importância secundária dentro da análise. O que ocupa o primeiro plano dos comentários é a sabedoria dos autores em não individualizar as críticas, dito de outra forma, o sucesso de *Cidade feliz*, assim como da maioria das revistas encenadas no período, estava condicionado à arte de saber satirizar, à tênue tarefa de criticar sem ferir suscetibilidades.

Se as revistas *Cidade feliz* e *O bicho* conquistaram elogios da imprensa, outras padeceram perante desconfiças e depreciações. Esses episódios envolvendo revistas mal sucedidas merecem atenção redobrada, pois, se a boa recepção desse gênero se deve em grande medida à habilidade de seus produtores em não individualizar as ironias contidas nos espetáculos, seu fracasso não se deve exclusivamente à limitações artísticas, conforme buscavam induzir ao entendimento.

Teresina por dentro, classificada como um desastre pelo redator do *Diário do Piauí*, é exemplar nesse sentido. Na análise publicada no periódico não existem menções sobre o desempenho dos atores ou a qualidade das músicas, dos cenários ou do texto, limita-se à alegar independência e tentar desqualificar o espetáculo e o gênero que integrava, buscando ao final atenuar as críticas por meio do incentivo aos amadores à seguirem outros caminhos:

Sem a preocupação de sermos agradável a este ou àquele, declaramos, com franqueza, que a tal revista, como aliás tem acontecido com as demais levadas à cena, não agradou, chegando mesmo a ser um desastre para a novel e vontadosa [sic] associação, que não deverá, entretanto, esmorecer, mas

²⁹ ESTEVE excelente a primeira representação [...]. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 103, 21 maio 1912, p. 1.

voltar suas vistas para outro gênero de produção teatral que não este, já por demais explorado entre nós. [...]³⁰

Fica evidente a contrariedade com o espetáculo, contudo, sem comentários sobre os critérios utilizados para desmerecer *Teresina por dentro* e seu gênero, recorrendo até mesmo à afirmações incompatíveis com as experiências vivenciadas em torno do teatro de revista em Teresina. Note-se que o redator afirma que a revista não agradou, “como aliás tem acontecido com as demais levada à cena”, porém, conforme demonstramos em diferentes momentos, outras revistas foram enaltecidas após as encenações, inclusive no próprio *Diário do Piauí*.

O jornal *Piauí*, ao comentar *Teresina por dentro*, elogiou a boa vontade dos amadores, mas demonstrou insatisfação com o conteúdo da peça, que seria o “traço geral de todas as revistas escritas aqui, as mesmas cenas, os mesmos fatos, os mesmos personagens,”³¹ aconselhando, assim como o articulista do *Diário do Piauí*, à importar outro gênero teatral. Nessa apreciação, utiliza-se o mesmo mecanismo de generalização que a anterior para atribuir à revista limitação temática e enfado provocado por repetições, que seria supostamente uma característica das produções locais. No entanto, embora essa crítica fosse comum ao teatro de revista em outras cidades,³² o mapeamento de sua recepção em Teresina revela a excepcionalidade de tais comentários, prevalecendo na maioria das revistas encenadas uma boa recepção ou a inexistência de insatisfações explícitas.

Esses episódios envolvendo a revista proporcionou o surgimento de certa desconfiança para com o teatro de revista, o que indica comentários que antecederam encenações posteriores. Em junho de 1917 o *Correio de Teresina*, ao comentar sobre *O bicho*, frisou ser “propósito dos autores fugir por completo das críticas diretas ou pessoais que tantos desgostos costumam causar, entre nós, sempre que se levam ao palco peças desse gênero”.³³ Tendo em vista que antes de *O bicho* as últimas revistas encenadas foram *Sem eira, nem beira* e *Teresina por dentro*, em 1914, segundo indicam a bibliografia e a pesquisa empírica, esse comentário reforça a hipótese de que *Teresina por dentro* tenha sido criticada devido alusões consideradas inadequadas e irritantes, justificando o comentário sobre o propósito dos autores.

³⁰ PALCOS e telas. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 4, n. 75, 2 abr. 1914, p. 3.

³¹ “4 DE SETEMBRO”. *Piauí*. Teresina, ano [...], n. 1274, 4 abr. 1914, p. 2.

³² COLLAÇO, 2012, p. 62.

³³ PELO teatro. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 225, 23 jun. 1917, p. 2.

As generalizações contidas nessas apreciações incidem sobre uma revista escrita na cidade e que tematizava os costumes locais, porém, considerando-se as revistas encenadas por companhias visitantes,³⁴ sobressai-se a constatação de que constituíam um gênero teatral popular e valorizado, tanto pelo público quanto pela imprensa, o que indica a sua presença no repertório da maioria das companhias atuantes na cidade.³⁵ Evidente que, conforme os acontecimentos envolvendo *Teresina por dentro* permitem identificar, essa valorização possuía as devidas exceções e limites, sobretudo quando incorriam em supostos exageros.

Mais explícita nesse sentido foi *Frutos e frutas*, revista escrita por Jônatas Batista e musicada pelo maestro Pedro Silva. Anunciada pelo *Correio de Teresina*, cujo redator afirma ter assistido ao ensaio, como de “Gênero alegre, moldada no mesmo estilo de *O bicho*, sem pilhéria grosseira ou alusões de mal gosto”,³⁶ foi duramente criticada após sua estreia por meio do jornal *A Notícia*, que lhe acusou de ser uma peça apimentada e de interesses escusos, conforme reproduziu A. Tito Filho:

[...] Precedida de um espalhafatoso reclame, levaram a cena uma verdadeira pantomima, que primou pela sensaboria, pelos ditos imorais, pelas pilhérias porcas, pelas piadas de baixo calão, de **double sens**. Já de si excessivamente apimentada a peça, os atores entenderam enxerta-la nos ditos mais indecentes, de gestos que não merecem desculpas.

Depois, a tal pantomima tinha por fim exclusivo alvejar um cavalheiro do nosso meio social. Parece que ninguém tem o direito de pretender-se servir-se da ribalta para desabafar os seus ódios pessoais. [...] [grifo na transcrição]³⁷

³⁴ Embora as revistas de costumes tivessem íntima ligação com o ambiente em que elas eram produzidas, a generalidade de sua temática poderia qualificá-las para apresentações em diferentes espaços, como foi cogitado em relação à revista *O bicho*. Em 1921, a peça de estreia da Companhia Eduardo Nunes foi uma revista de costumes paraenses intitulada *O guarda noturno*. Cf.: O BICHO. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 228, 14 jul. 1917, p. 1; PIAUÍ. *Jornal do Comércio*. Manaus, ano 18, n. 6046, 27 fev. 1921, p. 1; PELO teatro. *O Piauí*. Teresina, ano 32, n. 454, 24 fev. 1921, p. 2.

³⁵ Entre os grupos locais que encenaram revistas podemos citar: Recreio Teresinense, Amigos do Palco e Os Talianos. Entre as companhias visitantes: Trupe Infantil Galhardo, Companhia Salvaterra, Companhia Eduardo Nunes, Companhia Romualdo Figueiredo e Grupo Talma. Essas companhias profissionais possuíam, geralmente, um repertório variado, servindo de inspiração para os clubes locais, composto principalmente por revistas, operetas, comédias, cançonetas, monólogos, dramas e vaudevilles. Cf. “PELO teatro”. *Piauí*. Teresina, ano 22, n. 1179, 19 maio 1912, p. 4; RECREIO Teresinense. *Piauí*. Teresina, ano [...], n. 1268, 21 fev. 1914, p. 2; REVISTA de costumes. *Piauí*. Teresina, ano [...], n. 1273, 28 mar. 1914, p. 3; “COMPANHIA Romualdo Figueiredo”. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 251, 2 jan. 1918, p. 3; COMPANHIA Eduardo Nunes. *O Piauí*. Teresina, ano 32, n. 446, 27 jan. 1921, p. 3; PELOS teatros. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 660, 6 maio 1923, p. 1; TEATRO 4 de Setembro: Grupo Talma. *A Imprensa*, Teresina, ano 1, n. 27, 17 out. 1925, p. 4.

³⁶ FRUTOS e frutas. *Correio de Teresina*. Teresina, ano 5, n. 240, 11 out. 1917, p. 1.

³⁷ TITO FILHO, A. *Praça Aquidabã, sem número*. Rio de Janeiro: Artnova, 1975. p. 76-77.

A revista foi acusada de conter exageros, de ser excessivamente apimentada, carregada de piadas inadequadas, falas e gestos ambíguos. Outra acusação que pesou sobre a peça foi o seu suposto uso como instrumento de ataque à desafetos. Dito de outra forma, *Frutos e frutas* foi acusada de romper com o acordo tácito de cordialidade, conhecido pelos dramaturgos e demais sujeitos envolvidos na práxis teatral, onde prevalecia a compreensão de que peças desse gênero deveriam conter críticas gerais e leves, sem individualizar, sem ferir as sensibilidades sociais.

Ao acusar *Frutos e frutas* de imoral, o articulista emprega um vocabulário comum na imprensa quando se buscava desqualificar certas apresentações. Essas denúncias, geralmente pautadas em um padrão de moralidade dificilmente questionável no período, eram recorrentes nos ataques ao teatro musicado, como fez Luís Correia³⁸ em crônica de 1913, onde criticou peças que considerava apimentadas, dentre elas os *vaudevilles* franceses e as “operetas imorais”, peças que floresciam supostamente graças à “cupidez monetária dos empresários” e aos espectadores amigos da pimenta, “esses que se comprazem em bater palmas e pedir bis toda vez que descobrem, numa cançoneta ou numa cena qualquer, uma malícia picante, uma frase notavelmente equívoca e ambígua.”³⁹

Como solução para esses excessos, Luís Correia defendia maior empenho da polícia em moralizar o teatro, tanto por meio da censura prévia ao conteúdo dos espetáculos como durante a fiscalização de suas encenações, conforme preconizava o regulamento de segurança pública do Piauí e ocorria em outras cidades. O articulista do jornal *A Notícia*, por sua vez, igualmente verbalizou à polícia, exigindo a cassação da autorização dada pelo Secretário de Polícia à *Frutos e frutas*, que teria supostamente burlado a censura policial ao texto e ao ensaio geral, suprimindo trechos inadequados e posteriormente encenados.⁴⁰

³⁸ Luís de Moraes Correia nasceu em 23 de dezembro de 1881 na Vila de Amarração, atual cidade de Luís Correia, e faleceu em Fortaleza em 23 de outubro de 1934. Foi professor, magistrado, político jornalista e literato. Promotor público em Parnaíba e Teresina, Secretário de Polícia, Secretário de Estado de Governo. Entre suas obras estão *O Nascimento de Cristo*, *O crime e a pena* e *O divórcio*. Cf.: ADRIÃO NETO, 1995. p. 97; Cf. NOVO Governo: os secretários de estado. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 2, n. 138, 1 jul. 1912, p. 2; PIAUÍ. *Leis e decretos do estado do Piauí do ano de 1912*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913. p. 163-4.

³⁹ C, L. [Luís Correia]. Atualidades: moralidade nos teatros. *Diário do Piauí*. Teresina, ano 3, n. 105, 9 maio 1913, p. 1-2.

⁴⁰ Sobre o processo de censura ao teatro em Teresina nesse período, consultar: FERREIRA, Ronyere; QUEIROZ, Teresinha. Teatro, transgressões sociais e censura policial em Teresina no início do século XX. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Jaison castro; FERREIRA, Ronyere (org.). *História e Arte: teatro, cinema, literatura*. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 47-54. Sobre a censura ao teatro em outros períodos e espaços, consultar: MEDEIROS, Mirna Aragão; PEREIRA, Victor Hugo Adler. A dança dos véus e o corte do

Estigmatizar os artistas envolvidos em espetáculos polêmicos e pedir providências à polícia eram práticas comuns dos redatores de periódicos desde as décadas finais do século XIX, no entanto, para além da procedência de suas acusações, o que essas experiências envolvendo o teatro de revista em Teresina evidenciam é a inexistência de consenso em torno desse gênero, assim como os riscos que os artistas corriam em forçar os limites considerados aceitáveis por certos grupos à crítica social feita por meio do teatro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos históricos em torno das revistas de costumes encenadas possibilitam algumas conclusões, uma delas se refere à forma com que eram vistas em Teresina. Diferentemente das visões amplamente difundidas em outras cidades, onde eram tratadas por muitos como uma dramaturgia menor, responsável pela decadência do teatro nacional e por inibir seu desenvolvimento,⁴¹ em Teresina, embora os dramas de vertentes realista ou naturalista fossem tidos como um gênero mais elevado, isso não evitou a valorização do teatro de revista, principal produto resultante da cena teatral construída no decorrer das três primeiras décadas do século XX, sendo cultivado por dramaturgos, clubes locais e companhias visitantes.

Evidencia-se ainda a existência de uma crítica teatral assistemática, que, embora considerasse elementos estéticos da teatralidade, era suscetível às relações sociais envolvendo os artistas e os produtores da imprensa periódica. Dessa forma, a recepção do teatro de revista, bem como dos demais gêneros apresentados na cidade, apresenta-se como fruto de uma complexa equação, que envolvia, entre outros fatores, o reconhecimento de uma qualidade artística, a influência social de seus produtores e a incapacidade de provocar iras individuais ou coletivas, este, o principal motivo catalizador de ataques ao teatro ligeiro em Teresina.

censor: movimentos recorrentes entre o livro e os palcos brasileiros. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues (org.). *História, teatro e política*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 201-220; KHÉDE, Sonia Salomão. *Censores de pincenê e gravata: dois momentos da censura teatral no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981; SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do ginásio: teatro e tensões culturais na corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

⁴¹ Sobre as críticas feitas ao teatro de revista no Rio de Janeiro, consultar: GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p. 122-155.